

Jerusa Pires Ferreira

***O Grau Zero do Escrever* de José Lino
Grünewald. Org e Prefácio de José
Guilherme Corrêa, São Paulo, Editora
Perspectiva, 2002, 278 p. (Col
Debates/crítica) ISBN 85-273 -0306.
R\$32,00.**

Apesar de o título não me parecer o mais adequado para a diversidade e grandeza dos textos aqui reunidos, o pequeno livro póstumo bem organizado e agora publicado, nos oferece a possibilidade de avaliar de que modo um ensaísta pôde construir, no dia a dia do trabalho jornalístico, o ensaio como uma síntese de todo um pensamento crítico e imaginativo sobre arte, cultura, sociedade.

Num amplo leque, difícil até de imaginar como sendo possível, ele passeia pelo mais diverso tipo de texto, as literaturas, a filosofia, as possibilidades de criação popular, os gêneros, a ópera, a cultura de massas, o humor, a música popular.

E por que nos interessa de tão perto ?

Pela finura do pensamento e pela atitude diante da cultura, sobretudo da operação de transversalização realizada. Atravessamos esse livro sem hierarquizar segmentos, compreendendo que os fenômenos enfocados merecem sempre a mesma atenção, e têm de ser vistos, a partir de um olhar sob perspectivas...

À medida em que o autor vai passando de um escritor como Alexandre Dumas para André Gide ou Emile Zola, ele vai conseguindo, em linguagem clara e simples, se explicar, apresentar informações ao público brasileiro e teorizar.

E o interessante é acompanhar as datas. Em 1970 escreve um breve texto no jornal *O Correio da Manhã* sobre Dumas, em que nos diz não custar nada uma chamada de atenção para aquele que é um dos maiores prosadores da literatura, comentando em seguida :

"também evidentemente ele jamais se dirigiu ao pensamento profundo, à intelectualização do verbo, mas vinculou-se -e talvez melhor do que ninguém -ao deleite de narrador na trilha da extensão emocional. E batiza de prosa pura (considerando maior ou menor aproximação em relação ao estado poético) o texto de Dumas. Apontando o predomínio do semântico, ele nos mostra como o contador aciona incessantemente a imaginação do leitor, naquilo que transparece do universo referencial da palavra. "São estes os livros que se devora. Ao mesmo tempo, quanta simplicidade e alcance!"

Não podemos fugir de comparar estas formulações com a tão discutida e utilizada idéia de literatura de entretenimento, construída por Umberto Eco e que nos parece ferramenta tão tosca, diante do refinamento do nosso ensaísta.

Ao nos falar de *Memórias de um médico*, já estava presente a dialética documentário -ficção, tão influente no cinema e no romance modernos. Ele nos indica como Dumas inseria, em montagem com os lances dramáticos, por exemplo, o inteiro teor da declaração dos direitos do homem.... E assim aproveita para finalizar: " Alexandre Dumas : a ficção é muito mais forte do que a realidade".

Em seguida, apresenta alguns clássicos da literatura policial. Num curioso texto que chama de *O outrora no agora* observa como as editoras redescobriram o romance policial e seu filão de interesse, e referindo-se com minúcias ao romance policial de mistério, alguns deles com aquela geometria rigorosa e implacável.

Passeia por autores em torno dos quais oscilavam as preferências de um público brasileiro, de Ellery Queen, de quem vários livros traziam, inclusive as plantas dos locais dos crimes, aos provérbios de Charlie Chan, figura obrigatória das primeiras publicações nacionais de estórias em quadrinhos.

Em outro de seus textos tão perspicazes, comenta o que chama de obra mestra de S.S. Van Dine, *O Bispo Preto*, que contém, segundo ele, todos os refinamentos do gênero.

Mas não fica só por aí. Uma saudável erudição vai nos levando à percepção do fazer poético de Gongora a Lorca, a W.H. Auden, acompanhando linhas mestras de poesia.

Assim também, escritores como Guimarães Rosa, Machado de Assis, Joyce, Pound vão se fazendo presentes. Então vamos notando como ele se lança a focar a elaboração de mitos políticos e, para discutir o século XX, procura ver em Hans Magnus Enzensberger uma voz que discute agudamente as relações entre poesia e política.

De modo gracioso e leve, como sempre, nos convida a acompanhar as lutas pela memória e também pela criação de novas linguagens. E o que é atrativo e curioso para o leitor e possível pesquisador, é que vamos encontrando referências a textos inéditos seus, inclusive sobre a memória ou uma nova e possível forma de pensá-la. Por exemplo, sob a chamada "Flashes" encontramos todo um conjunto de idéias desenvolvidas sobre a Teoria da Informação e da Comunicação, indispensáveis ao pensamento em nosso tempo.

É assim que alguns de seus textos discutem possibilidades integradoras de linguagens no século XX. E dois deles são fundamentais para nós e também para os estudantes de nossos cursos, ou mesmo para o leitor, em geral. São eles : *Do relato ao registro*, onde ao lado da referência a grandes artistas são discutidos o filme, a fotografia, a montagem e a distância que vai do "real" à representação. O outro é *Relato/ficção*, onde são contrapostos e analisados processos de documentação e invenção.

Diríamos que este pequeno livro é verdadeira mina de sugestões, de pistas, de inquietações teóricas muito vitais e oportunas, e vai comportando distintas possibilidades de leitura. A imediata que nos leva a devorá-lo, de uma vez, com o apetite de quem aposta em coisas novas colocadas em formulações eruditas mas jamais pedantes. A outra possibilidade é a leitura lenta que nos leva a consulta-lo e lê-lo a cada vez, abrindo-o aleatoriamente, como quem vai à caça de algo que

certamente iluminará seu dia.

Sobre o autor (1931-2000) é preciso dizer, concordando com Augusto de Campos, em nota que escreveu na quarta capa, que se trata de uma das personalidades mais originais de sua geração.

Ocupando-se de Carlos Gardel, de Orlando Silva, nosso maior cantor de música popular, ou de Cinema (cf. *Um filme é um filme-o cinema de vanguarda dos anos 60*, São Paulo, Cia das Letras, 2001), somos levados a aguardar a publicação de novos materiais e a prosseguir, pretendendo mesmo organizar um *Colóquio* para discutir sua obra e seus achados críticos, livres e expansivos.